

# BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS  
2.º VOLUME

♦  
*ANTÓNIO MARINHEIRO*  
*OS ANJOS E O SANGUE*  
*O DUELO*  
*O PECADO DE JOÃO AGONIA*  
*ANUNCIAÇÃO*

♦  
*ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS*  
*DE LUIZ FRANCISCO REBELLO*



---

**Título: Obras Completas — 2.º volume**

---

**Autor: Bernardo Santareno**

---

**Capa: Delgado Godinho**

---

**Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho**

---

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão  
da Editorial Caminho**

---

**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SARL  
Lisboa, 1985**

---

**Tiragem: 3000 exemplares**

---

**Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.**

---

**Data de impressão: Dezembro de 1985**

---

**Depósito legal n.º 7002/85**

---

# BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS

2.º VOLUME



*ANTÓNIO MARINHEIRO*

*OS ANJOS E O SANGUE*

*O DUELO*

*O PECADO DE JOÃO AGONIA*

*ANUNCIAÇÃO*



*Organização, posfácio e notas  
de Luiz Francisco Rebello*

**editorial  
CAMINHO**

# OS ANJOS E O SANGUE

Peça escrita  
para a Radiotelevisão

Peça escrita para a televisão, ainda por transmitir.

1.ª edição, 1961; 2.ª edição, 1974 (Ática).

## Personagens

### I

JOÃO, o «Meia-Leca» — 15 anos  
FERNANDO, o «Cantinflas» — 18 anos  
ARMANDO, o «Metralhadora» — 18 anos  
CARLOS, o «Rosa Tatuada» — 17 anos  
MIGUEL, o «Castigador» — 19 anos

### MOTOCICLISTAS

### II

A ACTRIZ — 52 anos  
O MARIDO — 56 anos  
1.º JOVEM — 25 anos  
2.º JOVEM — 25 anos  
3.º JOVEM — 25 anos

### III

INÈS — 18 anos  
PEDRO — 20 anos  
O PAI — 55 anos  
A MÃE — 50 anos  
O MÉDICO — 45 anos  
O PADRE — 65 anos

#### IV

O SENHOR — 50 anos  
O SOLITÁRIO — 20 anos  
O CRIADO — 40 anos  
O MIÚDO — 8 anos  
A FLORISTA — 22 anos  
1.<sup>a</sup> MULHER — 30 anos  
2.<sup>a</sup> MULHER — 35 anos  
BARMAN — 25 anos  
1.<sup>o</sup> HOMEM — 50 anos

HOMENS — MULHERES

#### V

RAPARIGA ... ..	} de 18 a 25 anos
1. <sup>o</sup> RAPAZ ... ..	
2. <sup>o</sup> RAPAZ ... ..	
3. <sup>o</sup> RAPAZ ... ..	
CORCUNDA — idade indefinível	
VELHA AMA — 60 anos	

#### VI

JOÃO  
FERNANDO  
ARMANDO  
CARLOS  
MIGUEL

MOTOCICLISTAS

## I

*Uma rua de bairro antigo, estreita e mal iluminada. É noite e chove. Ruídos precipitados de passos, apitos e sereias, motores, etc. Dois rapazes, Fernando e Armando, em corrida desesperada, fogem aos polícias que, envergando uniformes negros de malha e cobrindo os rostos com máscaras de metal branco brilhante, os perseguem montados em motocicletas fajscentes.*

*Por momentos e em grande plano, a face dos dois rapazes que, em breve paragem, se escondem num portal: encharcados, ofegantes, transidos de medo. Mais próximos os apitos, sereias e motores. Fernando e Armando recomeçam a corrida. Exteriores de uma velha igreja em ruínas, ao fundo de pequeno largo. Rapidamente e ajudando-se um ao outro, os dois rapazes trepam para uma janela semidestruída da igreja e logo desaparecem no interior do templo. Procurando-os, os polícias, sempre nas suas motocicletas luzidias, dão a volta à praça: máxima intensidade nos apitos. Interior do templo. Focagem do canto onde se ocultam os dois perseguidos: um de cada lado da janela referida, ao nível desta, metidos em dois nichos vazios; espiam cautelosamente a rua. Mais em baixo, sobre o pavimento da igreja, João e Carlos aguardam aflitos. De novo os exteriores da praça. Os motociclistas dão ainda duas voltas ao largo e, por fim, saem vertiginosamente, apitando com estridência. Outra vez a fachada da igreja, depois a janela e, logo a seguir, o interior:*

JOÃO (*ansioso*): Foram-se...?!

FERNANDO (*a espreitar para fora*): Parece que sim...!?

JOÃO: E não... não os viram saltar pr'aqui?...

FERNANDO (*que faz lembrar o cómico mexicano*): Ora, deixa-te de...! Então se eles tivessem topado a gente, davam o fora assim?!

ARMANDO (*que é nervoso, cheio de tiques, e fala sempre muito depressa, com uma violência desmesurada*): Ah, mas voltam!... (*A vigiar a rua.*) Queres uma apostinha, Cantinflas?... Ná, agora não toSCO nada... Foram... Desta vez foram-se embora! Raios os partam!... (*Suspiro de alívio.*) Caramba! Eu ainda não sei como é que a gente conseguiu pirar-se!? (*A desapertar o velho impermeável.*) Foi por um triz, por uma lasquinha assim!... (*Gesto com os dedos.*) Bolas, que eu já julgava que... (*Ruído lá fora.*) Ouvem? Ouviste, Meia-Leca?... (*Espreita.*) Se calhar, são os tipos outra vez... Malditos chuis!...

FERNANDO (*também a vigiar a rua*): Cala-te, Metralhadora!... Ná, não senhor: é um automóvel!?... É, tenho a certeza!... (*Riso.*) Não sejas azarento, pá!

CARLOS (*que realiza o tipo do adiposo-genital: um tanto obeso e ambíguo, às vezes mesmo amaneirado*): Espreita... Vê bem, Cantinflas!?... (*A maneira de tique, fricciona nervosamente o antebraço, na zona onde tem tatuada uma rosa com folhas.*)

FERNANDO: Ná... Isto está limpo!... (*Gargalhada.*) Levámo-los, Metralhadora, levámo-los à certa! A estas horas vão os tipos largados, por aí abaixo... (*Espreguiçando-se.*) Eh, pá, até tenho a espinha torta!...

ARMANDO (*rindo também*): Ah, Cantinflas, só queria que visses como eu ainda tenho as pernas: trre... trre... (*A cuspir para o lenço.*) Bolas, que eu até trinquiei a língua!...

CARLOS (*sorriso aguado*): E... pinaram alguma coisa?... O quê, não trouxeram nada?!

ARMANDO (*duro*): Escusas de gastar mais cuspo, Rosa Tatuada! Esta noite estás frito: não manjas nada!... Olha que isto!?... Estás a ouvir o fadinho daquela choca, Cantinflas? Chega um homem aqui, com a língua de fora, os pelinhos todos em pé... e a primeira coisa que este pergunta é se a gente trouxe trincadeira pra ele! Ora, vai cortar o cabelo, Rosinha! Tenho... então não havia de ter?! Tenho aqui um belo corninho, muito bem retorcido, pra tu comeres assado!...

CARLOS (*de novo a esfregar a tatuagem, zangado*): Lá vens tu com... (*Revolta, infantil.*) Hoje é a noite de Natal!...

FERNANDO (*que descalçou os sapatos rotos e molhados; mandando-os para baixo, a rir*): É verdade! Toma, aí tens: vai pôr os sapatinhos na chaminé. Tenho a certeza de que o Menino Jesus se não esquece de ti, Rosa formosa!... (*Despe a gabardina que atira também para baixo. Vai para descer. Barulho de motor e sireia na rua: logo imóvel, atento.*)

JOÃO (*grito de pavor*): São eles!?

ARMANDO (*rápido, feroz*): Cala-te, Meia-Leca!...

(*Fernando e Armando, cautelosamente, espreitam para fora; ansiedade em Carlos e João.*)

CARLOS (*voz surda, medroso*): São?... Diz lá, Cantinflas, são eles?...

JOÃO (*a correr, na direcção de uma porta visível*): Deram com a gente... São eles! Vou-me embora daqui... Eu fujo! (*Tenta abrir a porta.*)

FERNANDO (*rápido*): Não abras, Meia-Leca!

ARMANDO (*salta felinamente da janela e vai interpor-se entre João e a porta*): Sheta, daqui pra fora!... (*Esbofeteia João.*) Quietos... quietinho... quieto, já te disse!...

JOÃO (*dominado por Armando, abraça-se a uma coluna: infantil, a chorar alto*): Tenho medo... tenho medo!... Eles apanham-me... (*terror*) eles apanham-me!

FERNANDO: Calma, Meia-Leca!... (*Gargalhada.*) Era uma ambulância do hospital! Já lá vai... (*Atira um saco para baixo.*) Agarra, Rosa linda! Tens aí material pra encheres essa pancinha, até ao pescoço!... E tu, Meia-Leca, não tenhas medo, já te disse: era uma ambulância, homem! Coitado, aquele também vai ter um Natal bem bera: pla mecha que o carro levava, direito ao hospital, devia ir mesmo a dar as últimas... É o que eu te digo, Metralhadora: desta vez, embarri-lámos os chuis! (*Gargalhada.*) Calma, rapazes! Deixa-te de fitas, Meia-Leca!...

(*João, serenando, senta-se no chão.*)

ARMANDO: Raio de...! O que é que se pode fazer com um menino destes às costas? um menino com chiliques?!...

FERNANDO (*que se senta na base do nicho, com as pernas pendentes*): Deixa lá o miúdo, Metralhadora. Cada qual tem as suas fraquezas... (*Com intenção.*) Não é assim?...

ARMANDO (*meia volta brusca, gesticulando muito*): Se eu fosse um lingrinhas daquela marca (*indica João*), até tingia a minha cara de preto! Escusas de me atirar cascas de banana, rico filho: não escorrego!...

FERNANDO (*troça, rindo*): Ora, não armes mais, Metralhadora! Tu bem sabes que...

ARMANDO: Não deites mais coroas na caixa, pá: daqui ninguém te responde! Tens a mania que és peixe-agulha, mas...

CARLOS (*tirando os géneros do saco*): Chouriço... conservas!...

ARMANDO (*explodindo*): Comilão! Rosa pançuda!...

FERNANDO (*divertido*): Pronto, lá estás tu outra vez!... Não dês mais ao trinco, Metralhadora. Eh pá, então ainda queres um tipo com mais manias que tu?! Caramba! (*Apon-tando.*) Pulseiras de prata, fio de prata, relógio de prata...

ARMANDO (*nervoso, escondendo logo as pulseiras com ambas as mãos*): Eu quero que tu...!

FERNANDO: Julgas que eu não topei já, Metralhadora? Olhem que ele até usa um cinto de prata por dentro das calças, encostadinho à pele! (*Gargalhada.*)

CARLOS (*grande riso*): E a gente aqui cheios de frio, a rapar fome. Vamos pôr essa prata toda no prego!?...

ARMANDO (*movimento brusco, levantando o punho para Carlos*): Queres?!...

(*Carlos encolhe-se.*)

FERNANDO: Por causa dessa tua maldita mania é que, há bocado, iamos sendo os dois caçados!... Então não querem saber?! Vínhamos já pr'aqui, descansadinhos na paz do Senhor, depois de termos abarbatado esses comes-e-bebes, quando o Metralhadora viu uma cigarreira de prata, no bolso de trás das calças dum marinheiro americano, lá em baixo, à porta do Eldorado. Pronto, pegou logo ali de estaca! Nunca mais fui capaz de o arrancar de lá. Namorou o «camone» por diante, por trás, plos lados... fez o joguinho de mãos completo...

ARMANDO: Que raio de tipo aquele!...

FERNANDO: Mas o bicho era vivaço e acusou logo o primeiro toque!...

ARMANDO: Caramba, nunca vi um melro assim! Ele era capaz de sentir as ondas do ar, quanto mais os meus dedos!...

CARLOS: Apanhou-te?!...

FERNANDO: Pois, mesmo no quente, quando ele estava lá com as mãozinhas!... Eh, rapazes, armou-se ali um destes pés-de-vento! Logo, em menos dum minuto! Se não fosse essa tesoura que tu tens em vez das pernas, estavas frito, Metralhadora! Eu, é claro, quando vi aquilo malparado, pus-me logo na alheta: sou mais curto de passo e... *(Para um anjo de talha doirada situado por cima do nicho.)* Mas eu tenho ali o meu anjo... *(De pé, beijando com esforço a face do anjo.)* Eh, camarada, toma lá! Tens sido sempre fixe, nunca falhaste, nunca roeste a corda!... Também se um dia me furas os pneus... Livra-te! Olha, levas aqui!... *(Gesto de bater nas nádegas do anjo.)*

ARMANDO *(profundo, dorido, a palpar os braceletes)*: A prata faz-se bem. Gosto da cor... do brilho... do frio que ela tem sempre... Isto é verdade, palavra!

FERNANDO *(para o Anjo)*: O Metralhadora tem a mania das grandezas?!...

CARLOS *(riso agudo)*: Ai, essa do cinto de prata, escondido por baixo das calças!...

ARMANDO *(fúria)*: Cala-te já, Rosa Tatuada! Não te rias, não quero!...

CARLOS *(com receio, efeminado)*: Ainda se... se o usasses por fora, pra toda a gente ver!? Um cinto de prata! Se fosse meu...

ARMANDO *(feroz)*: A prata faz-me bem. Se eu não tivesse aqui, agarrado à minha pele, este cinto... estas pulseiras... esta medalha, tenho a certeza que... que já tinha morto algum tipo! É verdade, isto! Não sei, mas... a prata arrefece-me o sangue, amansa-me: basta-me vê-la... tocar-lhe!...

FERNANDO *(espanto sincero)*: Eh, Meia-Leca?! *(João, ensimesmado, não responde)*: Olha... olha pr'aqui?!... Estás a ver, Rosa?! O meu anjo é tal e qual a cara do Meia-Leca!... É ou não, Metralhadora?!...

ARMANDO *(movimento brusco)*: Deixa-te de lérias; salta cá pra baixo, vamos comer!... *(Rápido, batendo na mão de Carlos que leva à boca um bocado de chouriço.)* Larga! Espera plos outros, não sejas mula!...

CARLOS *(irritação histeróide, atirando com o chouriço)*: Eh! Enforca-te com ele!... Mula, era a tua...